



Organizadores

Julio Frochtengarten | Regina Weinfeld Reiss

PSICANÁLISE

Expansões em Bion

Várias Jornadas, alguns textos - 2018 a 2023

Blucher

EXPANSÕES EM BION

Várias Jornadas, alguns textos – 2018 a 2023

Organizadores

Julio Frochtengarten

Regina Weinfeld Reiss

Expansões em Bion: várias Jornadas, alguns textos - 2018 a 2023

© 2026 Julio Frochtengarten, Regina Weinfeld Reiss (organizadores)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Preparação de texto Equipe editorial

Diagramação Markelangelo Design

Revisão de texto Equipe de produção

Capa Juliana Midori Horie

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico*
da Língua Portuguesa, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela

Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Expansões em Bion : várias Jornadas, alguns textos:
2018 a 2023 / organizadores Julio Frochtengarten,
Regina Weinfeld Reiss. – São Paulo : Blucher, 2026

304 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2936-0 (Impresso)

ISBN 978-85-212-3064-9 (Eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2935-3 (Eletrônico – PDF)

1. Psicanálise. 2. Interpretação em psicanálise.
3. Observação e intuição em psicanálise. 4. Bion,
Wilfred R. (Wilfred Ruprecht), 1897-1979. I. Título.
II. Frochtengarten, Julio. III. Reiss, Regina
Weinfeld.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

CDU 159.964.2

Conteúdo

Apresentação	7
<i>Julio Frochtengarten e Regina Weinfeld Reiss</i>	

Parte I – Jornada 2018: Pensamento selvagem – interpretação

1. Pensamento selvagem: interpretação	15
<i>Antônio Carlos Eva</i>	
2. Em busca do pensamento selvagem nos rastros de Edgar Allan Poe, Raul Pompeia e Nietzsche	21
<i>Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho</i>	

Parte II – Jornada 2019: Observação–Intuição em Psicanálise

3. Intuição psicanalítica no sonho e na vigília: cesura, imaginação e linguagem de Êxito	33
<i>Arnaldo Chuster</i>	
4. Observação e intuição em psicanálise	59
<i>Carmen C. Mion</i>	
5. Observação e intuição: alguns comentários	83
<i>Celso Antonio Vieira de Camargo</i>	
6. Intuição–Observação: fonte de ilusão ou conhecimento?	97
<i>Julio Frochtengarten</i>	

Parte III – Jornada 2022: E agora, por que o presencial?

7. Por que atender presencialmente? Considerações teórico-clínicas sobre o trabalho psicanalítico 111
Ana Maria Stucchi Vannuchi
8. Presencial/on-line: fundamentos teóricos 137
Cecil José Rezze
9. Psicanálise, política e propaganda: realidade material e psíquica 149
Paulo Cesar Sandler

Parte IV – Jornada 2023: Entre memórias do passado e memórias do futuro

10. Passado ↔ Futuro: memórias 181
Claudio Castelo Filho
11. Memória do passado e memória do futuro: o presente 193
Deocleciano Bendocchi Alves
12. Entre memórias do passado e memórias do futuro: o hiato entre conhecer/não conhecer e ser ou tornar-se 205
João Carlos Braga
13. Transformações: místicas ou transcendentais 221
Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro

Parte V – Jornada 2024: Ousarei perturbar o Universo?

14. Conversando sobre a obra de Bion 249
Carmen C. Mion e Julio Frochtengarten
15. O analista de Satã: preliminares a uma abordagem psicanalítica da psicopatia 255
Martha Prada e Silva
16. Ousaremos? Sobre perguntas, poetas e trilogias 277
Renato Trachtenberg
- Sobre os autores 299

Apresentação

Julio Frochtengarten

Regina Weinfeld Reiss

Há muitos anos presenciamos um interesse crescente pela Psicanálise em suas múltiplas dimensões, acarretando ganhos e riscos.

Os ganhos se inscrevem no campo da cultura, potencializados pelo grande alcance dos meios digitais, pela presença nas universidades, nos cursos e palestras sobre psicanálise vastamente disponíveis, produzindo ampliações estimulantes.

Os riscos situam-se, como sempre, nos reducionismos, na superficialidade, nas práticas levianas e, por vezes, de má-fé.

No Brasil, os movimentos que tentam incessantemente aprovar a legislação que permitiria cursos de graduação em Psicanálise, vêm sendo acompanhados diligentemente pelas instituições de formação em Psicanálise, assim como por representantes de universidades respeitadas que oferecem cursos de Psicanálise em nível de pós-graduação.

Esses grupos se organizam como forças de resistência aos ímpetos que simplificam e banalizam a Psicanálise e suas práticas.

Um dos grandes riscos contidos na eventual aprovação dessas modalidades é a ausência da exigência da análise do analista, que em nosso meio, junto ao estudo teórico e às supervisões, é um eixo central no processo de formação de um psicanalista.

Em outro plano, também se observa um interesse crescente pela obra e pelas ideias de Bion, seus desdobramentos clínicos e teóricos, o que, de certa maneira, é surpreendente.

Diferente do estilo de escrita de Freud, que se dirige ao leitor leigo ou iniciado, numa linguagem profunda, porém clara, Bion não é um autor que se lê com facilidade.

É uma escrita densa, por vezes misteriosa, cifrada, condensada, e a realização de suas ideias e conceitos é muito favorecida pela experiência de análise pessoal. A compreensão é quase como uma realização estética que se experimenta no contato emocional.

Esse interesse também se expressa nos inúmeros textos, publicações, palestras, grupos de estudos e discussões sobre as ideias de Bion.

As Jornadas de Bion, que ocorrem anualmente, promovidas pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – que em 2026 realizará o seu 18º encontro –, têm atraído um número significativo e crescente de interessados.

Esses encontros vêm se constituindo como espaços privilegiados de trocas, reflexões e produções teórico-clínicas estimuladas pelas ideias de Bion.

Recentemente nos demos conta de que, desde a I Jornada, realizada em 2008, e até 2017, todas elas tiveram seus textos publicados e com bastante aceitação entre o público interessado na obra de Bion. Pela sua qualidade, muitos deles são citados em trabalhos de outros colegas e até utilizados em seminários e grupos de estudo.

Assim, foi com o sentimento de pesar que percebemos que, de 2018 para cá, nenhum registro escrito ficou da ampla produção que as Jornadas estimularam, exceto alguns artigos avulsos que seus autores publicaram em nossas revistas. Foi esse sentimento que nos levou a querer reunir esses textos e publicá-los agora.

O atraso dessa iniciativa nos obrigou a selecionar alguns trabalhos apresentados nas Jornadas de 2018 a 2024, uma vez que, se não o fizéssemos, o volume de material tornaria nossa proposta impossível.

Procuramos compensar esse atraso nas publicações selecionando um texto de cada colega participante das cinco Jornadas ocorridas nesse intervalo de tempo. É oportuno lembrar que, em função da pandemia de Covid-19, num dos anos a Jornada não foi realizada; e no seguinte, em modalidade remota, foram realizadas grandes discussões clínicas, sem a produção de textos teóricos. Pensamos, com essa seleção, poder oferecer aos que não estiveram presentes em todas elas, ou que gostariam de recuperar parte do que o tempo vai diluindo na memória, um recorte desse acervo tão rico, produção do esforço de nossos colegas, aos quais somos imensamente gratos.

Os textos selecionados estão publicados em ordem cronológica das Jornadas. Assim, os artigos de Antônio Carlos Eva e Luiz Carlos Uchoa Junqueira Filho abrem o presente volume a partir do tema proposto em 2018: “Pensamento Selvagem – Interpretação”. Enquanto Eva propõe, para explorar o tema, um estímulo alicerçado na experiência emocional vivenciada na clínica, Junqueira explora o tema na poesia de Edgar Allan Poe, Raul Pompéia e Nietzsche.

Em 2019, a Jornada teve como tema: “Observação–Intuição em Psicanálise”. Temos aqui os textos de Arnaldo Chuster, Carmen C. Mion, Celso Antônio Vieira de Camargo e Julio Frochtengarten. Cada autor, em seu estilo próprio, aprofunda e amplia as dimensões teóricas de observação e intuição na obra de Bion e suas realizações na experiência clínica.

Em 2020, fomos surpreendidos. O medo, a doença, a ameaça e a morte suspenderam nossos hábitos cotidianos de maneira brusca e repentina. Em estado de confusão e perplexidade, nos privamos dos encontros com amigos, familiares, pacientes e colegas. As palavras não continham o medo que a ameaça do desconhecido provocou. Estávamos, coletiva e individualmente, buscando representações para estados mentais prenhes de terror.

Experimentamos, no âmbito coletivo, muitas das ideias de Bion formuladas a partir de suas experiências de guerra.

Pouco a pouco, a palavra se restabeleceu, propiciando reflexões teóricas e clínicas para representar e recriar experiências tão perturbadoras. E, em 2022, a Jornada de Bion se propôs como espaço de reflexão dessas experiências para a prática do nosso ofício: os atendimentos remotos. E veio o tema: “E agora? Por que o presencial?”.

Naquela ocasião, os autores, como muitos de nós, se depararam com os desafios das novas modalidades de atendimento criadas para garantir a continuidade do ofício psicanalítico. Os textos expressam a recuperação da capacidade de pensar, o descentramento experimentado, e compartilham conosco a reflexão e criatividade provocadas por uma realidade tão adversa. Ana Maria Stucchi Vannucchi, Cecil José Rezze e Paulo Cesar Sandler, a partir de diferentes pontos de observação, articulam a experiência clínica à metapsicologia, oferecendo um leque que comporta diferentes aproximações às inquietações vivenciadas.

Em 2023, pouco mais afastados do período da pandemia, os temas da Jornada puderam retomar interesses que sempre estiveram presentes. Quase numa linha de continuidade, “Entre Memórias do Passado e Memórias do Futuro” foi o tema escolhido. Os textos aqui reunidos, de Claudio Castelo Filho, Deocleciano Bendocchi Alves, João Carlos Braga e Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro, articulam, de forma bastante sugestiva e aprofundada, experiências da vida cotidiana e da clínica em reflexões firmemente ancoradas na obra teórica de Bion.

E, finalmente, em 2024, a Jornada de Bion propõe um tema provocador inspirado no poema “A canção de amor de J. Alfred Prufrock” (1917), de T. S. Eliot: “Ousarei Perturbar o Universo?”. Carmen Mion e Julio Frochtengarten refletem sobre a capacidade negativa, a partir de uma carta de John Keats a seus irmãos, para ressaltar a condição mental de poder permanecer em zonas de incerteza, recomendável aos analistas. Martha Prada e Silva se vale do poema de Eliot

para refletir criativamente sobre as dimensões perturbadoras de uma mente com traços de crueldade e psicopatia. E, no último texto desta publicação, Renato Trachtenberg percorre ideias inspiradas em diversos autores e obras (Primo Levi, T. S. Eliot, *O cântico dos cânticos*, Mahabharata, Milton, Dante), enriquecendo com eles sua reflexão teórico-clínica baseada nas ideias de Bion.

Esperamos que a leitura dos artigos desta coletânea preencha, ao menos em parte, o lapso deixado nesses últimos anos, e possa estimular a curiosidade e provocar expansões e desdobramentos.

PARTE I – JORNADA 2018:

Pensamento selvagem –
interpretação

1. Pensamento selvagem: interpretação

Antônio Carlos Eva

Farei um estímulo curto, para leitura em poucos minutos, no qual apresento duas vinhetas clínicas, procurando com elas discutir os pares tradição-invenção, pensamento selvagem-interpretação e pensamento e não pensamento.

Alicerço as intervenções clínicas em teorias psicanalíticas que privilegiam a experiência emocional psicanalítica vivida pelo par na sala de análise, distinguindo-as das intervenções que não se valem do vivido no momento.

A base das teorias inclui, essencialmente, o período de estudo do *pensamento* que fez Bion, por meio da publicação de três livros nos anos 1962-1965. Com base nessas teorias, desenvolvi pessoalmente, em um longo período, uma experiência pessoal sobre o tema, que procuro trazer como estímulo para este momento.

Quem sabe, possamos formar um grupo com momentos de trabalho criativo para abordar o que cada um de nós, como atividade pessoal e única, faz em seu trabalho psicanalítico.

Vou apresentar duas vinhetas clínicas e examiná-las dentro do vértice da experiência emocional psicanalítica, próxima da proposta feita por W. R. Bion em torno dos anos 1962-1965, quando

desenvolveu “Aprendendo com a experiência”, “Elementos de psicanálise” e “Transformações”. São três livros fundamentais para o estudo do pensamento em psicanálise que se apoia na experiência emocional presente.

Pretendo examinar o sentido de criação que envolve cada procedimento psicanalítico quando se emprega a experiência emocional como vértice essencial para o trabalho clínico psicanalítico. Tomo ainda o conceito de tradição como um impedimento para a percepção do momento vivido, de modo a tirar no todo ou em parte a capacidade psicanalítica do psicanalista.

Esta dimensão paralisante em relação à criatividade do momento presente provém de várias fontes. Pode ter origem em ações do analisando, do analista ou ser um acordo, fora da área do pensamento, organizado conjuntamente pela dupla, no geral para evitar dor mental e frustração.

Ouçó de um analisando: *“Havia um engarrafamento no trânsito aqui perto e eu fiquei parado, preso. Em função disso não pude chegar no horário do início da sessão, como tinha planejado”*.

Esta é a fala do analisando, com a qual ele inicia sua conversa comigo, enquanto tira o paletó e deixa seus pertences, tais como molho de chaves e celular, sobre uma cadeira. Acomoda-se no divã.

Escuto-o e faço uma notação (coluna 3 da Grade de Bion) de que se dirigiu a mim para informar que o atraso se deveu a condições externas, alheias e em oposição à sua vontade, que era, esta sim, a de estar comigo no horário combinado.

Permaneço atento e quieto verbalmente; acrescento à primeira notação que fiz uma percepção-intuição-pensamento de que está receptivo e simpático para comigo, provavelmente à espera de uma resposta minha ao que informou de início.

Enquanto analista, devo tomar uma decisão que consiste em falar diante do vivido naquele momento ou aguardar mais

percepções e vivências da minha parte para então lhe dizer verbalmente algo.

Opto por dizer-lhe que o vejo na expectativa de que eu comente o que lhe aconteceu. Penso que esta expectativa está presente ali; incluo a hipótese de que, quem sabe, eu possa desculpá-lo de não ter feito o que pretendia, que era me encontrar desde o início. Digo-lhe, também, que agora estamos juntos, trocando ideias e que para mim isso importa. Da minha parte e, quem sabe, também da parte dele, nada podemos fazer para corrigir o acontecido enquanto vinha. Acredito que se contrariou com o fato de que o trânsito o impediu de realizar sua vontade.

Tenho, nesta primeira vinheta clínica, a emoção de que comuniquei ao analisando uma ideia que pode dar conta da experiência que vivo com ele, verbal e extraverbalmente. Utilizando a dimensão tradição-invenção, coloco esse movimento carregado de criação-invenção, pouco me afetando no que penso e percebo a tradição. Parece-me que a emoção vivida pelo analisando valeu-se de elementos presentes e colhidos na realidade factual para poder exprimi-la em linguagem verbal, articulada e dentro da racionalidade. Parece-me um meio apropriado – do senso comum – para receber uma emoção, esta sim criativa diante do que vê em mim, no momento. Comporto-me diante do que vejo como uma experiência emocional vivida por nós dois, formando-se um vínculo propício à troca de ideias.

Percebo de uma analisanda que, ao entrar na sala de análise, diz: *“Acabo de receber o exame de laboratório médico. Estou grávida. Vou ter meu primeiro filho. Que bom”*. Apresenta-se, aos meus olhos, tranquila e feliz.

Faço uma notação de que está contente e radiante, o que, deduzo, foi desencadeado pela notícia da gravidez, agora por um exame de laboratório.

Faço uma notação (coluna 3 da Grade de Bion) de que conteúdo e emoção estão formando um todo, que posso captar ali no momento. Percebo-me alegre e contente ao saber do movimento de vida que ela me apresenta. Tenho recordações armazenadas, que aparecem no momento, de que a decisão de engravidar e de que agora isso se realiza, parece atender a uma decisão de vida, que foi pensada e esmiuçada em inúmeras ocasiões, comigo e com outras pessoas de seu relacionamento.

Diferentemente do que escrevo na primeira vinheta clínica, aqui está evidente para mim que assisto a uma experiência emocional da analisanda, forte e agradável, primeiro para ela e, por consequência, também para mim. Está claro para mim que esta “criança pronta – seu primeiro filho” está emocionalmente presente e constitui um “fato psicanalítico”.

Construo, no entanto, um todo do qual há a parte que vivo e no qual há também outra alegria que ali vive e me atinge, quando imagino que tem repercussões importantes, por hipótese, na vida da pessoa. Tais repercussões não estarão disponíveis diretamente ali, como está a sua alegria e surpresa. Eu as deduzo e imagino em uma área que não está presente na sala de análise. Ela é uma dimensão que chamei de “ouvi dizer”, “deduzi-la” ou “imaginá-la”. Voltando ao par tradição-invenção, calculo que a tradição contida na importância de ser mãe, de gerar um filho, compõe o acontecimento da sala de análise de maneira mais forte e presente, se comparo com a primeira vinheta clínica contada acima. A margem de invenção de significado para este conteúdo está balizada pela tradição, aproximando-se de um fato em si (Kant), que permite evolução nesta rota do par conhecida-tradição.

Provavelmente a marca distintiva da psicanálise de hoje, que se alicerça na experiência emocional vivida e presente para os dois na sala de análise, dá-lhe uma condição de permitir aprender com a experiência emocional; difere da comunicação informativa a respeito de acontecimentos e pensamentos de fora do encontro dos

dois. Esta dimensão é mais extensa e corriqueira em boa parte dos atendimentos psicoterápicos. Pede como resposta uma interpretação ou um raciocínio clínico, que não precisa estar ancorado no vivido emocionalmente no presente. A segunda vinheta clínica está mais fortemente influenciada por essa dimensão. Analiticamente, será necessário ultrapassar, ou abandonar, esta tradição já feita, compondo o conhecido e sabido, para chegarmos à invenção, única e transitória, daquele momento.

Bion, em 1962, propõe a existência de um fator desconhecido X, que permite a passagem de uma informação feita ou recebida para a dimensão que permite mudança funda e permanente naquilo que constitui nosso mundo mental. Ele o chamou de *elemento α* . Elemento essencial para o desenvolvimento emocional, base necessária para tudo o que nos acontece na vida.

Espero que este estímulo, curto e condensado, sirva de início para uma discussão, uma troca de ideias do que chamamos experiência emocional em psicanálise. Esta experiência transita, segundo a segundo, entre as dimensões de tradição e criação, pensamento e não pensamento e muitos outros pares. Tão logo é criada uma ideia-emoção sobre um presente na sala de análise, ela se transforma, no momento seguinte, em tradição, colocada no passado, no já vivido e visto, para analista e analisando. Ela estará guardada, armazenada, para os dois ou apenas um, mas perderá a essência inventiva e criativa que lhe permite fazer parte da experiência emocional presente, sempre fugaz.

Proponho, em síntese, chamar de experiência emocional psicanalítica presente o vínculo formado pelo par, que, por definição, recebe e contém todos os elementos de psicanálise. Estes tomam destinos variados, na dependência de múltiplos fatores. Aponto um primeiro, que é o desenvolvimento de *elementos α* , que propiciam a função alfa e pensamentos, por consequência, base para o movimento da vida mental presente. Aponto um segundo elemento que, por falta de

condições para suportar frustração, se apresenta como produto mental da área de não pensamento propício para diminuir a dor mental e o sofrimento por frustração.

Convido-os para uma conversa a respeito de psicanálise clínica, partindo do esboço que apresento e que, espero, tomará caminhos novos a serem construídos por nós.

2. Em busca do pensamento selvagem nos rastros de Edgar Allan Poe, Raul Pompeia e Nietzsche

Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho

2.1. Apresentação

A palavra escolhida por Bion, para acompanhar aquilo que ele denominou de “pensamentos selvagens” (*wild thoughts*), é um elemento indireto a nos ajudar a caracterizar este tipo de “pensamento”. Como verbo transitivo ou intransitivo, encontramos-nos no universo do amansar, domar, domesticar, submeter, ou, alternativamente, ser amansado, domado etc.; no campo dos adjetivos, encontramos o domesticado, o dócil e o humilde; na esfera adverbial, o mansamente e, na ordem substantiva, a mansidão, a submissão e o domador.

Bion (2016, p. 38) ao introduzir a noção de “pensamento selvagem”, o diferencia de um “pensamento extraviado” e de um pensamento recolhido na seção de “achados e perdidos”, incluindo os três na categoria geral de “pensamento sem pensador”. No caso específico do pensamento selvagem, a conduta por ele sugerida é a de tentar “domesticá-lo”, sendo que ele se dispõe a nos mostrar como isto poderia ser feito.

O interesse principal dele “são aqueles pensamentos selvagens que brotam e para os quais não há possibilidade de se encetar de imediato qualquer tipo de posse, ou mesmo de se vislumbrar a *genealogia* daquele particular pensamento” (p. 39, *italico meu*).

Diante da aparição dessa “estranha criatura boiando no meu horizonte” (*sic*), sua providência seria guardá-la dentro de uma espécie de “caixa”, ou seja, um continente físico, que ele chamaria de “elemento-beta” (2016, pp. 40-41), apesar de não saber o que esse elemento é. Mesmo assim, ele se arriscaria a associá-lo a uma “escuridão maciça”, algo que Victor Hugo chamou de “nulidade” (*le néant*) e ao qual, Shakespeare se referiu como “um conto relatado por um idiota cheio de som e fúria significando nada”.

Bion nos fornece dois exemplos de “pensamentos selvagens” extraídos de Shakespeare. O primeiro é a frase enigmática “Até rapazes e moças iluminados estão fadados, como os limpadores de chaminés, a virar pó”. Este pensamento extraviado tem ligado a si um nome e um endereço: Shakespeare *Cymbeline*, IV, 2, e para o qual ele nos oferece uma possível explicação (2016, pp. 46-47). O segundo é uma frase forte na peça *Macbeth* (I, 5): “O próprio corvo ficou rouco ao grasnar a entrada fatal de Duncan ao atravessar meu peitoril”.

Confrontado com frases como essas, Bion (2016) diz sentir-se diante de outras criaturas agora mais sofisticadas, “mas que despertam em mim sentimentos e pensamentos embrionários, algo que está próximo a um protótipo de reação mental: chamarei essas outras criaturas de ‘elementos-alfa’” (p. 41).

Em minha experiência no rastreamento dos pensamentos selvagens, dei-me conta de que eles guardam uma estreita semelhança com os achados do tipo “serendipity” (palavra em inglês que significa uma feliz descoberta ao acaso, ou a sorte de encontrar algo precioso onde não estávamos procurando).

À guisa de exemplos, pretendo dissecar o conto “William Wilson”, de Edgar Allan Poe, uma inesperada “crítica do instinto, como o

instinto faz a crítica da sensação”, sugerida por Raul Pompeia em seu clássico *O Ateneu*, e, finalmente, uma formulação de Nietzsche a respeito de sua sensibilidade para “farejar as entranhas de cada alma”.

2.2. *Epígrafe do conto William Wilson*

*Que dizer dela? Que dizer da austera consciência,
Esse espectro no meu caminho?
Chamberlain, Pharronida*

No caso de Poe, usarei um de seus personagens de “imaginação e mistério”, por ele denominado de William Wilson, apesar de confessar de saída tratar-se de um “nome fantasia” sujeito a alterações repentinas ao longo do relato de sua história. Ao término dela, ficamos reduzidos a classificá-lo como um conto sobre o duplo (*doppelganger*), ou seja, a aparição de um sócio idêntico a uma pessoa viva, em geral associado a presságios de má sorte ou morte; no entanto, logo percebemos estarmos diante de uma outra categoria, na medida em que sua genealogia vai aparecendo pela transfiguração gradual do self individual.

A atribuição a si de um nome postiço impregnado de banalidade (algo como José da Silva) tinha a função de atenuar a incrível coincidência de este personagem constatar a presença súbita em sua escola, de um outro aluno com seu nome e sobrenome, nascido no mesmo dia que ele, portador de uma incrível semelhança física com ele... apesar do fato inofismável, de ele não ser gêmeo.

Este meu homônimo, dentre todos os que no linguajar escolar constituíam “nosso círculo”, ousava competir comigo nos estudos da sala de aula, nos esportes e altercações do pátio – ousava recusar-se a crer implicitamente em minhas asserções, e submeter-se a minha vontade – na verdade, interferir com minha autoridade arbitrária no que quer que fosse. [...]

Este drama ia se desenrolando no interior de uma escola macabramente soturna, comandada por um diretor austero que era, ao mesmo tempo, o pároco da igreja do vilarejo, que, quando ocupava seu púlpito, se transfigurava de forma assustadora:

Aquele homem reverendo, de semblante tão recatadamente benévolo, com seu manto tão brilhante e tão clericalmente esvoaçante, a peruca tão minuciosamente empoada, tão rígida e tão basta – como podia ser esse mesmo que, pouco antes, com expressão severa, e em roupas manchadas de rapé, administrava, palmatória na mão, as draconianas leis do internato? Ah, gigantesco paradoxo, absolutamente imenso demais para ter uma solução!

A intercalação desta personalidade ambígua ampliava por analogia o dilema de “mixed feelings”, que borbulhava no interior de Wilson. Numa noite, furtivamente, Wilson fez uma incursão ao quarto do rival para se reassegurar de que ele, adormecido, pudesse deixar transparecer sua verdadeira identidade – o feitiço, no entanto, agarrou-se ao feitiçeiro!

Seria de fato verdade, dentro dos limites da possibilidade humana, que o que eu agora via fosse o resultado, meramente, da prática habitual de sua imitação sarcástica? Tomado de terror e tremendo convulsivamente, apaguei a luminária, saí silenciosamente da alcova e deixei, incontinente, as dependências do antigo ateneu para nunca mais voltar.

Refugiando-se por alguns meses em sua casa e passando a estudar numa universidade arejada, parecia que seu drama se tinha evaporado, permitindo-lhe “encontrar ensejo para duvidar da evidência de

meus sentidos: raramente chegava a pensar no assunto, a não ser com um quê de admiração ante a amplitude da credulidade humana!”.

Paralelamente a seus estudos, sua vida foi se entregando a prazeres dissolutos, culminando com uma noitada de bebedeiras e jogatinas, interrompida pela chegada de um estranho que bateu à sua porta e que o deixou atônito:

Assim que pisei na soleira, dei pela presença de um jovem mais ou menos da minha própria altura, trajado com uma sobrecasaca de casimira branca, talhada na última moda, a exemplo da que eu mesmo vestia naquele momento. Isso a luz débil possibilitou-me perceber; mas as feições desse rosto não pude distinguir. Quando entrei, avançou rapidamente a largas passadas até mim e, segurando-me pelo braço em um gesto de impaciência insolente, sussurrou as palavras “William Wilson” em meu ouvido. Foi a pregnância de solene admoestação em sua elocução singular, baixa, sibilante; e, acima de tudo, o caráter, o tom, o timbre daquelas poucas sílabas simples e familiares, ainda que sussurradas, que vieram com uma miríade de lembranças precipitadas de tempos idos, e que atingiram minha alma com o choque de uma pilha galvânica. Antes que pudesse recobrar o uso dos meus sentidos ele havia partido.

Mas quem e o que era aquele Wilson? – e de onde vinha? – e quais eram os seus propósitos?

Assolado por esta estranha perseguição, o W. W. originário (?) mergulhou na ampliação de seus ócios, chegando ao ponto de maquinar um plano de convidar um rapaz milionário para uma rodada de cartas, visando espoliá-lo ao extremo; para disfarçar suas intenções, transferiu a noitada para os aposentos de um colega confiável.

Após embriagar a vítima e dele ganhar uma soma vultosa, a porta abriu-se impetuosamente e um intruso encapotado invadiu o recinto e, com uma voz solenemente sussurrada, instou os presentes a examinarem o forro do casaco, que o ganhador desvestira quando chegou, e em cujo interior encontravam-se uma série de cartas falsas, que explicavam sua enganosa vitória.

Desmascarado humilhanamente diante daquela plateia, W. W. deu-se conta que caíra numa armadilha, já que o capote que fora oferecido, para ser conferido, era uma cópia perfeita daquele que ele vestia quando chegou. Apavorado com esta perseguição insana, ele resolve fugir da Inglaterra na vã tentativa de livrar-se dela em Paris, Viena, Berlim, Moscou, enfim, no fim do mundo.

O destino, no entanto, quis que seu tormento encontrasse guarida numa festa mascarada num palacete de um duque napolitano, onde, na hora em que estava prestes a abordar a linda esposa do velho duque, “senti o leve toque de uma mão pousando em meu ombro, e aquele inesquecível grave e execrável sussurro em meu ouvido.” Enlouquecido, vendo-o vestido igualzinho a si próprio, arrastou-o até um aposento anexo com a espada na mão e o “empurrei com força contra os lambris e desse modo, tendo-o à minha mercê, cravei a espada com brutal ferocidade, repetidamente, por todo seu peito”.

Ressalto em detalhe este *contato assassino* para corroborá-lo com o pensamento selvagem que detectei em Raul Pompeia ao propor sua “crítica da sensação”, como veremos a seguir. Antes, porém, voltemos ao horror que invadiu William Wilson quando percebeu que o moribundo que ele trucidara era nada mais que *ele mesmo*!

2.3. *O tato como essência do contato*

O *Ateneu* (1888), de Raul Pompeia (1863-1895), nascido no alvorecer da psicanálise, nos apresenta uma reflexão a respeito da sensorialidade como elemento adaptativo para a sobrevivência da espécie.

A psicanálise, de Freud a Bion, privilegia a visão, fonte das imagens visuais, como a principal função sensorial, seja por prevalecer no sonhar e no imaginar, seja por prevalecer na Fileira C da Grade de Bion (Pensamentos oníricos, sonhos e mitos): em *Transformações*, Bion é mais enfático, destacando que a “contraparte mental visual” é a mais importante das contrapartes mentais sensoriais.

Chamou-me atenção que Pompeia (1997, p. 122) atribui à “revelação, na ordem animal, do misterioso fenômeno da personalidade, capacidade de fazer crítica do instinto, como o instinto faz a crítica da sensação”. Em seus esforços de sobrevivência, os humanos buscam a seleção do agradável, usando os sentidos como antenas salvadoras que vão ao encontro das impressões, administrando as oportunidades e as cautelas. Uma afirmação taxativa, no entanto, contrapõe-se à preferência da psicanálise: “A cada mundo de sensações notáveis corresponde um sentido. Os sentidos, teoricamente delimitados, são cinco, múltipla transformação de processo de um único: *o tato, exatamente o sentido rudimentar das antenas* (grifo nosso). Faz-se, tateando instintivamente à procura dos agradáveis: agradável visual, agradável gustativo, agradável tangível, em suma. O agradável é essencialmente vital: se às vezes é funesto, é porque o instinto pode ser atraído pelas ilusões”.

Curiosamente, também em 1888, encontramos no *Ecce homo* de Nietzsche (1844-1900) a descrição de uma sensibilidade que lhe permitia “farejar as entranhas de cada alma”: “Tenho nesta sensibilidade *antenas* psicológicas, com as quais *toco* e me apoio de cada segredo: já ao primeiro *contato* tomo ciência de muita sujeira escondida no fundo de mais de uma natureza, talvez devida ao mau sangue, porém, coberta por fina tinta de educação” (Nietzsche, 1985, p. 56, grifo nosso).

2.4. O mistério de William Wilson

Não por acaso, Poe denominou seu personagem com duas iniciais iguais (W. W.), sugerindo nome e sobrenome, mas também duas

personalidades com o mesmo nome. Como já mencionei, o conto começa com um fato inaudito, a “aparição” na vida de alguém sendo uma espécie de “xerox”, mas com pretensões de grudar nela como um rival ou mesmo uma “consciência controladora”: isto, por si só, já seria catalogável como um “evento selvagem” na acepção de Bion.

O narrador apresenta-se de saída como alguém virtuoso que, vítima de um acaso ou evento isolado, tornou-se “o mais desamparado pária dentre todos os párias!”, dando a entender sua intenção de nos relatar com detalhes a gênese de sua desgraça. Apesar de ter se tornado “presa das paixões mais ingovernáveis, gostaria de acreditar que meus ouvintes encontrassem para mim algum pequeno oásis de *fatalidade*, em meio a um deserto de erros!”.

Se nos fiarmos na epígrafe de Poe, a fatalidade na vida de Wilson foi fruto de seu cruzamento com “a austera consciência, esse espectro em meu caminho”. Em termos mais objetivos, acho que sua estratégia foi tentar operar uma metamorfose na consciência de seu personagem, de modo a encarná-la num ente de carne e osso, passível de ser palpável e, portanto, passível de ser punido de seus vícios de forma explícita.

A favor desta tese, está o fato dela ser uma alternativa menos cruel do que o método medieval de confissão entranhado na expressão: “*Reine forte et dure*” (Uma pena forte e dura), ou seja, a punição que consistia em empilhar pedras sobre o peito do réu que se recusasse a se declarar culpado ou inocente, até ele falar ou morrer sufocado.

Em realidade, esta “consciência itinerante” seria uma espécie de “laranja” do self, ou melhor, de um Judas passível de ser execrado em praça pública na frente de uma multidão de “testemunhas táteis”, mais confiáveis do que as oculares. A vantagem desta espécie de *habeas corpus* portátil seria apresentá-lo de imediato a qualquer vítima de seus desmandos, eximindo-se assim de punições adicionais: neste

particular, sua experiência, como ressaltada por Pompeia, ancora-se numa evidência filogenética, na medida em que as próprias amebas já usavam seus pseudópodes, tanto para buscar nutrientes, quanto para se livrar de toxinas.

Referências

- Bion, W. R. (2016). *Domesticando pensamentos selvagens* (L. C. U. Junqueira Filho Trad.). Blucher.
- Nietzsche, F. W. (1985). *Ecce homo* (P. C. Souza, Trad.). Max Limonad.
- Poe, E. A. (2012). *Contos de imaginação e mistério* (C. de A. Leite, Trad.). Tordesilhas.
- Pompeia, R. (1997). *O Ateneu* (I. C. Proença, Introd. e Notas). Publifolha.

Aprendemos com Bion que o pensamento nasce da capacidade de tolerar o desconhecido.

É nesse espírito de abertura e descoberta que convidamos o leitor a conhecer *Expansões em Bion: várias Jornadas, alguns textos*.

Esta publicação não é apenas um livro, mas um mapa de múltiplas cartografias. Nela, diferentes autores se reúnem para compartilhar seus próprios caminhos pelo pensamento bioniano, propiciados pelos encontros nas Jornadas de Bion entre 2018 e 2023 em São Paulo.

Os autores, cada um no seu estilo, aprofundam e ampliam as ideias de Bion na clínica, na cultura e na vida de todos que se interessam pelos mistérios de nossa subjetividade e de nossa cultura.

Julio Frochtengarten

Regina Weinfeld Reiss

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2936-0



9 788521 229360



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Expansões em Bion

Várias jornadas, alguns textos : 2018 a 2023

Julio Frochtengarten, Regina Weinfeld Reiss (Org.)

ISBN: 9788521229360

Páginas: 304

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2026
